

ponto de afirmar uma explicação geral da história em função das inovações científicas? E' óbvio que não. O experimentalismo foi o grande passo decisivo para a fecundidade do labor científico; o experimentalismo moderno, o seu triunfo social, não se deve, como se pode julgar à primeira vista, simplesmente ao facto de ter provado a sua eficiência; êsse triunfo deve-o êle mormente ao facto de a sua eficiência ter sido um utensílio óptimo para o desenvolvimento do lucrativismo.

As estruturas sociais são pois o meio onde se desenvolve o fenómeno científico, o meio que o condiciona, que absorve as suas reacções, que utiliza os seus efeitos, e se é certo que estes são, por um lado, agentes da modificação desse meio, não é menos certo, por outro lado, que êles, na própria influência que efectuam sôbre êste, continuam a receber dêle uma parte importante das suas características.

Quem comparar, por exemplo, o tipo da vida medieval com o tipo da vida moderna, logo encontrará três categorias de diferenças. As que dizem respeito às instituições, aos costumes sociais, à organização política, social e económica: feudalismo contra lucrativismo, corporações contra manufacturas e «trusts», proprietários individuais contra bancos e sociedades por acções, mercados autárquicos contra mercado internacional, etc. As que dizem respeito ao clima mental, às formas de mentalidade dominantes: resolução dos problemas em função da teologia, inexistência de espírito científico definido contra valores racionais, especialização intelectual, ideia da humanidade, etc. As que dizem respeito à vida comum dos indivíduos: cosmopolitismo, instituições de recreio, casas de espectáculos, a técnica ao serviço da «ménage», turismo, etc., etc. Em que é que a

ciência, em resumo, contribuiu para essas diferenças? Sob o aspecto das instituições já dissemos como ela favoreceu as actuais e como não se podia desenvolver no quadro das antigas. Sob o aspecto do clima mental é visível que o de agora anda estreitamente ligado ao fenómeno científico, mesmo quando toma uma feição anti-científica, de reacção. Sob o aspecto da vida comum o certo é que esta, tal como é hoje, não se poderia sequer imaginar sem as condições sociais que a permitiram e que ela caracteriza, nem sem os progressos técnicos que a ciência pôz ao seu serviço.

Parece que nada mais é preciso dizer para evocar todo o papel que as ciências podem desempenhar na diferenciação de duas épocas históricas, para mostrar que podem realmente contribuir para a constituição de tipos diversos de vida e de mentalidade. Contudo surge um problema importante que é necessário esclarecer. E' êle o da possibilidade de formação dum espírito científico entre os homens. Essa possibilidade parece ser permitida desde que verificamos que o desenvolvimento do fenómeno científico pode dar origem a uma modificação da mentalidade colectiva. Note-se porém: mesmo que, numa hipótese côr de rosa, todo o cientista adquirisse, pelo exercício do seu labôr, uma mentalidade científica, nunca isso nos levaria a supôr que todos os homens podessem vir a ser cientistas e, portanto, a adquirir a mentalidade correspondente. Não será isto contraditório com o que dissemos atrás? De facto não o é. O que contribui para a formação duma mentalidade científica não é simplesmente o uso ou divulgação dos métodos da ciência, mas sobretudo a dependência da vida em relação a ela; é a existência duma orgânica colectiva que se lhe acomode, é a penetração do